Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. GNDØØØ25

Dourados, 02 de Junho de 1986.

Prezados Senhores

Estamos enviando anexo cópia de documentação encaminhada à OAB-Dourados solicitando apuração das denúncias constantes da documentação anexa e publicadas no último nº do Jornal de Dourados.

A referida documentação é enviada à V.Sas. com o intuito de lhes fazer cientes das graves condiçoẽs em que se encontram as populaçoẽs indígenas em nosso Estado e também para solicitar a essa entidade esforços no sentido de que colaborem para que mais estas agressoẽs contra os povos indígenas não fiquem impunes - o que tem sido uma constante nos últimos anos.

Sem mais para o momento e esperando contar com aparticipação e apoio desta instituição subsvrevemos

atenciosamente

Grupo de Apoio ao Índio - GAIN-Tupã-Y

Acervo ISA

[illegible] de [illegible] de 1986.

Ilmo. Sr. Presidente
4ª Sub-Seção da OAB
Dourados - MS

O Grupo de Apoio ao Indio (GAIN), em reunião realizada dia 27/05/86, discutiu e analisou a matéria apresentada pelo "O Jornal de Dourados", com o título "Missão Caiuás: O Outro Lado de Uma Obra Grandiosa", páginas 8 e 9, estabelecendo o que segue:

Pedir à Ordem dos Agvogados do Brasil, 4ª Sub-Seção de Dourados, que envide todos os esforços juntos aos órgãos responsáveis no sentido de apurar oque consta como denúncia nos seguintes anexos:

I -Depoimento de Neusa Meireles, em21/05/86;

II -Depoimento de Iracy de QueirozAêdo, em 21/05/86;

III-Manifesto de 17/12/85, assinado por AntonioDias Batista, estagiário da FUNAI; Iracy de Queiroz Aêdo, enfermeira; Almírio M. Machado, ajudante de laboratório; Lúcia Garcia, faxineira; Santa Roberta, faxineira; Lucila M. da Silva, do Almoxarifado; Maristela Martins Machadá, enfermeira; Rosaria Aêdo Marques, enfermeira; Valdete Martins Pontes, enfermeira e Arlete ; Pontes, enfermeira;

IV -O Jornal de Dourados, Ano I, Número 6, de 26/05/86.

Na Certeza de que V.S. procurará encaminhar este pedido de investigação, subscrevêmo-nos ateciosamente como membros do GAIN.

C/C: Diocese de Dourados
UNI - União das Nações Indígenas
CEDI- Centro Ecumênico de Documentação e Informação
ANAI - Assossiação Nacional de Apoio ao Indio
PTP - Projeto Tape Porã
CIMI - Conselho Indigenista Missionário
PKN - Projeto Kaiowá Ñandeva

2

Acervo ISA

DEPOIMENTO DE NEUSA [illegible] 21.05.86

Em relação a Elódio Valentin Alfonzo, pastor e professor da Missão Caiuás, dispensado recentemente das suas atividades, por motivos que ora segue neste depoimento, feito na presença de Américo Borges do Nascimento:

Segundo Neusa Meireles, na época em que era aluna da escola de 1º grau, Municipal, da Instituição, Elódio Valentin Alfonzo, era professor dela na 7a. série, no início de 1984. Nesta época Elódio começou começou o "flerte", tencionando aproximar-se de Neusa. Assim, começou a provocar saídas com Neusa a pretexto de trabalhos da Igreja Presbiteriana, situada dentro da instituição, onde era obreiro, cooperando com os trabalhos igreja. Nestas ocasiões, se aproveitando da oportunidade tinha atitudes que denunciavam suas intenções. Como ela resistisse, ele sugeriu ao pai de Neusa que saísse da Igreja e se casaria com ela. Para o sustento, ele se propôs a trabalhar com o pai dela, Rufini Meireles, conhecido como "Nenê". Mas o pai de Neusa não concordou e assim, Neusa saiu de casa por sentir-se envergonhada. Foi para Ponta Porã, na casa de primas. Mas como em Ponta Porã, Elódio seguiu Neusa por duas vezes. Em Ponta Porã, Neusa ficou apenas 20 dias, retornou para casa. Deu início nos estudos mas a perseguição de Elódio foi [illegible]. Ao motel foram uma três vezes. Segundo Neusa todos os [illegible] da Missão sabiam do fato.

No segundo semestre de 1984, Neusa deu por encerrado qualquer incentivo. Assim, ela pediu serviço na Instituição, para ficar perto dos [illegible] e da sua residência, na reserva.

(Neusa Meireles) (Américo Borges do Nascimento) (Eurípides C. [illegible])

Neusa Meireles

Américo Borges do Nascimento

Acervo ISA

Na época de sua solicitação de emprego era Diretor da instituição o Rev. Orlando. Foi para ele que Neusa pediu serviço. Mas apesar de - haver vaga na enfermagem, Rev. Orlando não deu o emprego. Mas Neusa sente que o motivo era o seu antecendente com o Eládio. Neusa, resolveu terminar o curso e ao fibal dele mudou-se para a cidade. Em fevereiro de 1986, Neusa voltou a pedir serviço, mas com o Diretor do - Hospital "Porta da Esperança", Dr. RobertoFregoni. E o serviço lhe foi dado, começando a trabalhar nos dias seguintes. Mas no mês se-/ guinte começou as perseguições, através de uma funcionária, que estava substituindo o Dr. Roberto Fregoni, afastado por razões de -/ saúde. Certa ocasião ela comentou com Sr. Américo Borges do Nascimento de que o Conselho havia determinada a demissão de Neusa Meirelles e Almires, seu primo com trabalhava, auxiliando Sr. Américo no laboratório do hospital. A razão, segundo Neusa, era pelo fato - dela não ter "moral" para o trabalho, apesar da sua competência ser comprovada pelo seu chefe, Américo Borges do Nascimento. Mas na terça feira de carnaval de 1986, Neusa foi solicitada para depor diante dos membros do Conselho da instituição. Isto aconteceu porque o presidente Crievaldo Nunes Ferraz, em conversa com a enfermeira Tracy Queiroz Aêdo, ouviu de que estava revoltada com os comportamentos de membros da instituição. Assim, sabendo dos fatos, resolveu chamar Neusa para denunciar o fato que participou diante deste Conselho.

A denúncia foi feita por escrito e assinada por Neusa - Meireles. No entanto, ela assinou duas denuncias. Uma contra Eládio Valentim Alfonzo. A outras, contra Rubens Francisco Carneiro. De - posse deste documento, os dois foram dispensados dos serviços.

Quanto ao segundo denunciado, o que aconteceu, Neusa - assim relata-:

Acervo ISA

Na mesma época, em 1934, no primeiro semestre, ocasião de seu envolvimento com Eládio, Rubens Francisco Carneiro, na ocasião - Diretor da Escola Municipal de 1º Grau, da Missão, trazia Neusa para dentro da diretoria e lá, tentava se aproximar dela e esta, tentava escapar dele. Em outras ocasiões convidava Neusa para saidas e esta, recusava-se. Mas nunca chegou a ter relações sexuais com ela.

Neusa Meireles, entretanto, não sabe se Rubens tinha comportamentos anormais na sua relação com os alunos. Apenas que ouviu dizer de que ele teria uma caso com a enfermeira Joana, que atualmente, mora na missão, ao lado da casa dele. Joana, é professora na missão. Segundo depoimentos de outros alunos, Rubens, a pretexto de levar as meninas bem cedo para Dourados, por ocasião duma corrida, Rubens ordenava que as meninas pernoitassem em sua casa. A partir daí, não se sabe. Apenas que era estranho em sua casa ir dormir apenas as meninas.

Segundo o irmão de Neusa, Ramon Meireles, policial da - guarnição de Dourados, na época aluno da instituição, Eládio Valentin - Alfonso, teria se aproximado de duas indias, na ocasião em que ia realizar trabalhos religiosos na casa do pai delas, Constâncio, indio Tereno.

Neusa, a respeito do Caso de Dr. Roberto Fregoni, acha - estranho sua "doença", pois aconteceu em meio a um clima meio misteriso. E segundo ela, nesta ocasião estavam de plantão dois enfermeiros, Rubens (indio), Quitéria Borges Gomes(branca) e Adélia, esposa do Rubens. è citado estes elementos, pois são inimigos de Dr. Roberto Fregoni.

Sem mais nada a declarar, Neusa Meireles, dá por encerrado este depoimento, feito na presença de Américo Borges Nascimento, [illegible] por mim, Euricles Cavalcante Macedo, jornalista.

Acervo ISA

[illegible] 21.05.86

Denúncia feita em relação ao funcionário Timóteo, que trabalha na manutenção da Missão Evangélica Caiuás.

Segunda Iraci ela se sentiu humilhada várias vezes por este indivíduo. Numa das vezes ele a chamou de "galinha", sendo que isto, segundo ela não é verdade, pois é dona de casa, mãe de família e respeitada pelos seus amigos e vizinhos na reserva. Este caso foi levado ao diretor da organização, Rev. Benjamim, que afirmou que o caso não tinha nada a ver com ele. A solicitação de providências foi feita por seu marido, Salvador Aêdo, que ameaçou falar com o Timoteo. Mas aí o Rev. Benjamim garantiu que tomaria as providência.

Outras ocasião, este mesmo indivíduo insistiu entrar sem permissão num local que era mantido fechado, por razões de segurança, já que se tratava da unidade isolamento de tuberculose do hospital. A enfermeira Iraci como estava de plantão e com as chaves, avisou de que ela não podia entrar sem ser anunciado. Mas ignorando as recomendações, forçou a entrada, quando então Iraci o impediu usando de argumentos. Mas mesmo assim, ele forçou a porta, emitindo palavras de baixo calão contra esta enfermeira. Neste momento, Iraci, de posse de cabo de vassoura, acertou a cabeça dele, já que se sentiu agredida verbalmente pelo Timóteo. Este mesmo sujeito, segundo Iraci, humilhou D. Loide Bonfim Andrade, ex-diretora da Missão Caiuás, a ponto de provocar nela um estado de nervosismo que deu hemorragia em suas narinas. Esta humilhação foi feita em público.

Dourados, 21 de maio de 1986

Iracy de Queiroz Aêdo
(IRACY DE QUEIROZ AÊDO)
- Denunciante -

Levi Marques Pereira
(LEVI MARQUES PEREIRA)
- Testemunha -

(EURICLES CAVALCANTE MACEDO)
Jornalista

6

Acervo ISA

DEPOIMENTO DE IRACY DE QUEIROZ AÊDO, EM 21.05.86

Segundo Iracy de Queiroz Aêdo, casada com Salvador Aêdo, o comportamento profissional do Dr. Julio Chikanay é merecedora de uma avaliação séria, pois se trata de um médico que não tem servi a população indígena da reserva de Dourados. Para exemplificar esta afirmação, Iracy dá alguns exemplos:

Na semana santa de 1985, mais precisamente na sexta-feira, deu entrada no Hospital Porta da Esperança, uma india em trabalho de parto, necessitando de cuidados médicos. Para este caso, em se tratando da posição em que se encontrava a criança, isto é, sentada, fazia-se urgente uma cezariana, opção possível somente no hospital evangélico, com quem a Missão Evangélica Caiuas mantém convênio. Todavia, o médico de plantão naquele dia, Dr. Julio Chikanay, não tomou esta providência, preferindo ele mesmo fazer o parto.

Auxiliado por por esta denunciante, que traz em sua folha de serviços várias experiencias neste campo, afinal foi e é parteira há seis anos, foi dado início com a ajuda da esposa do referido médico, Isabel Chikanay, que não tem habilitação e nem experiencia na área de enfermagem. Assim, apesar dos apelos da parturiente, que solicitava ser encaminhada para o hospital evangélico, Dr. Julio se sintiu incapacitado em proseguir o parto. Assim, chamou a enfermeira Irene Rodrigues Castillo, para auxiliá-los. Mesmo assim, a posição da criança impedia êxito neste processo. Mas como a insistência do médico fosse maior que o bom senso, conseguiu, depois de muito esforço, retirar a perna da criança. Através deste ambro, ele encontrou apoio para puxar com mais energia a criança. Como resultado, a criança foi retirada morta. Com as seguintes lesões- órgãos genitais-

Acervo ISA

bois esmagados, abdomen "crescido", a fronte esquerda esmagada e as pernas quebradas. A mãe, salvou-se.

Segundo Iraci, a enfermeira Irene, pediu ao Dr. Roberto que pedisse a Iraci que não denunciasse o caso. E assim, Iraci foi incumbida de "empacotar" a criança de forma a impedir que a criança não mostrasse as lesões e com isso despertasse revolta nos pais. E assim Iraci enfaichou a criança, bem apertado e vestiu um macacão, trazido pela Isabel Chikanay. Conforme afirmou Glória, ex-funcionária, enfermeira, na ocasião chefe da enfermagem, alegou que "caso descobrissem a verdadeira causa da morte da criança, e para isso, bastava desenfaixar a criança, os pais se revoltariam".

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Outro caso ocorreu na mesma época, quando esta mesma denunciante estava de plantão. Deu entrada uma índia ao hospital, exigindo cuidados médicos em função da criança morta em seu ventre, em função de um aborto por ela provocado. Mas este mesmo médico, Dr. Julio, não tomou as providências necessárias, isto é, encaminhá-la ao hospital evangélico. Assim, o Dr. Julio, inclusive, teria afirmado de que a índia estava com frescura. O tratamento exigia uma cirurgia, mas ele apenas deu um soro com antibiótico. Em cada momento que a paciente gritava (dava prá ser escutado de bem longe), Dr. Julio prescrevia a aplicação do remédio Valium, um forte sedativo, na veia. Mas este tratamento não levou a nada, pois depois de cinco dias, sempre gritando de dor, ela veio a falecer. Como causa da morte, Dr. Julio atestou "meningite e tétano".

Acervo ISA

Outro caso mencionado por Iraci se refere ao garoto de nome Joel, indio, que em funçaõ de erros nos exames laboratoriais, ele foi submetido aos medicamentos e "esquema" de tubercolosem já que o exame feito por Isabel - esposa do Dr. Julio - acusava este falso resultado. Assim, o garoto não resistindo a forte dosagem, que além de estar errada em sua aplicação, era para adulto, veio a falescer em consequência deste erro, Sua morte foi no início de 85. Iraci acrescenta que esta laboratorista, Isabel, "diagnosticava" todos os casos como tubercolose, quando apenas se tratavam de desnutrição, gripes fortes. Segundo ela quem sabe melhor sobre estes fatos é a engermeira Irene Rodrigues Castilho.

Sem mais nada a declarar, Iracy de Queiroz Aêdo, em sã consciência e responsável pelos seus atos, assina esta denúncia, a qual declara ser verdade. Neste ato estavam presente, seu marido, Salvador Aêdo; Levi Marques Pereira, aluno de antropologia, da PUC, em Campinas (SP) e membro da Igreja Metodista do Brasil. Eu, Euricles Cavalçante Macedo, jornalista, datilografei e recebi todas a denúncias e transcrevi para este papel

Dourados, 21.05.86

Iracy de Queiroz Aêdo
Iracy de Queiroz Aêdo
- denunciante -

Levi Marques Pereira
Levi de Marques Pereira
- testemunha-

Euricles Cavalcante Macedo
- jornalista -

Acervo ISA

MISSÃO EVANGÉLICA CAIUÁ
FUNDADA EM 1928
ASSISTÊNCIA: Espiritual, Médica e Educacional
C. N. S. S. 7.213

CAIXA POSTAL, 4
TELEFONE 421-4197
79800 - DOURADOS - MS
C. G. C. 03.747.268/0001-80

Rua Libero Badaró, 561 - 5.o andar - S/ 502
Tel. 32-4519 - Caixa Postal 7513
01000 - SÃO PAULO
C. G. C. 03.747.268/0002-60

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro para os fins que se fizerem necessá - rios, que Dª Iracy de Queiroz Aedo, trabalhou no Hospital e' Maternidade Indígena "Porta da Esperança", departamento da Missão Evangélica Caiuá, na função de Enfermeira, qualificada para os serviços de curativos, sondagens, partos e medicação completa; pessoa idônea e responsável, não havendo nada que a desabone.

Dourados, 13 de Maio de 1.986.

MISSÃO EVANGÉLICA CAIUÁ

Rev. Benjamim Benedito Bernardes
DIRETOR

Acervo ISA

17 - 12 - 85

Gostaríamos de levar ao conhecimento do Conselho que cuja os destinos da Missão, entidade que há 50 anos foi criada única e exclusivamente para levar o evangelho ao índio, outrossim, cuidando da sua saúde física.

Senhores conselheiros, a situação aqui vai muito mal, está na iminência dos católicos assumirem o papel que pertence a missão, pois já há um plano para instalarem uma farmácia e socorro de emergência, bem como uma igreja.

Relataremos um pouco do que se vivi aqui no hospital da missão.

Há dois médicos que aqui trabalham:

Dr. Roberto, que foi há alguns anos que aqui está.

Dr. Julio, há uns anos que aqui está, nesse período, criou uma antipatia geral em torno de sua pessoa e família, não só pelos funcionários, mas, por toda comunidade indígena, ele deseja ser o diretor do hospital, cargo exercido competentemente pelo Dr. Roberto, para tanto, criou-se neste local de trabalho, dois grupos: o grupo do Dr. Julio ou seja o dos civilizados, e, nós funcionários índios, achamos por bem nos colocarmos ao lado de quem é realmente pela nossa causa, Dr. Roberto.

Toda a administração é pelo Dr. Julio, tentamos pelo diálogo, por diversas vezes, pedir ao grupo do Dr. Julio que deixasse de lado a ambição e militasse pela causa indígi-

Acervo ISA

na, contudo não deu resultados; a discriminação acentou-se, não só a nós funcionários índios, mas ao próprio Dr. Roberto, que se não fosse nossa solidariedade e mais a ajuda dos amigos da reserva indígena, estaria passando fome, mas está firme em servir a Deus, ajudando o indígena necessitado.

Os índios não suportam mais a indiferença e os maltratos recebidos, havendo ocasiões de líder índio, vir até o hospital e querer queimar vivo os irresponsáveis.

Para regular a situação do laboratório do hospital foi chamado uma pessoa competente, que pôs fim ao aprendizado da esposa do Dr. Julio, que positivava os negativos e negativava os positivos. Esse laboratorista negativou mais de 10 casos dados como positivos do isolamento, que estavam em tratamento sem necessidade e encontrou casos de malária, leichmaniose em proporções preocupantes nas aldeias. O Laboratório é a ponta chave da missão.

Todos nós indígenas, não queremos o Dr. Julio como todo poderoso, não seria interessante para nós e nem para a missão, que perderia sua finalidade.

Os índios não crentes prometem procurar o bispo de Dourados; e, se tal acontecer, a Funai, o centro de saúde e sucom e prefeitura municipal romperão os convênios e a missão desmoronará, pondo fim ao mais belo trabalho aqui já realizado, com tanto carinho dedicado de nos-

Acervo ISA

ios pois ou seja reverendo Orlando e D. Leide.

Senhores conselheiros, por amor em Cristo, não deixem que a missão tenha um curso caótico, ela é amada e admirada por todos aqui; nós, abaixo-assinados funcionários índios, com apoio de toda a comunidade indígena, lhe pedimos que venha até aqui, abra uma comissão de inquérito, ouça as nossas queixas e dos índios atendidos e descontentes, todos nós queremos a saída de algumas pessoas para evitar situações catastróficas até aqui evitadas, não deixe que o trabalho de Deus seja esquecido.

As pessoas que amam o trabalho de Deus, não importando mais as pressões, irão embora ainda este mês, não deixe isso acontecer, pois seria um golpe duro demais, e nós índios não frequentaríamos este ambiente que nos oprimiria e tornaria-nos piores do que somos como pessoas, não suportaríamos mais humilhações, como temos suportados até hoje.

Os estagiários enviados pela Funai não são bem recebidos, o ambiente de trabalho é insuportável. Para tanto, nós pedimos aos senhores que venham e ouça as duas partes envolvidas, para que através do diálogo consigamos nos entender.

Antonio Dias Batista - estagiário (FUNAI)
Iracy de Queiroz Rêdo - enfermeira (14 anos na missão)
Alfonso M. Machado - (ajudante de laboratório)

Acervo ISA

Lucia Garaá (Faxineira)
Santa Roberta (Faxineira).
Lucila M. da Silva (almoxarifado).
Maristela Martins Machado (enfermeira)
Rosaria Aêdo Marques enfermeira (14 anos na função)
Valdete Martins Pontes (enfermeira)
Ordete Martins Pontes (enfermeira).

P.S. Este manifesto é do conhecimento de todas as áreas indígenas, os líderes e as comunidades indígenas, bem como o órgão tutor (FUNAI).

MISSÃO CAIUÁS :

Em seu último encontro nacional, realizado há 15 dias em Foz do Iguaçú, entidades ligadas à questão indígena no Brasil começaram a desfiar um rosário de problemas que vão terminar no mais conturbado e contundente episódio de disputa interna que já se teve notícia desde que foi fundada em 1928 a Missão Evangélica Caiuás, na Reserva Indígena Caiuás, em Dourados. Um apanhado de documentos denunciam frontalmente médicos, enfermeiros e pastores de atos criminosos que vão da negligência médica à sedução num emaranhado de episódios que um bom delegado não teria o menor constrangimento em registrar. "é caso de polícia".

Quando na edição passada O Jornal de Dourados tratou da questão dos suicídios que se tornam gradualmente fatos corriqueiros na reserva em matéria intitulada "Porque os índios preferem a morte", desencadeou uma série de denúncias que até então não passavam de meras suspeitas. Nesse amontoado de circunstâncias nebulosas disparam no topo da pirâmide de problemas os nomes do médico Julio Chikanay - médico chefe do Hospital Porta da Esperança e do pastor Eládio Valentin Alfonzo, expulso há dias da reserva por envolvimento com sedução de menores índias e comportamento pouco adequado à prática pastoral.

EVASÃO E DESCRÉDITO

Fundada em 1928, a Missão Evangélica Caiuás já enfrentou e enfrenta os mais diferentes desafios. Desde superar a escassêz de recursos a ganhar, de fato, a confiança da comunidade indígena, pela natureza jurídica a entidade está no rol das obras mais importantes na área social de Dourados, sobrevivendo à base de doações e se beneficiando de convênios que garantem pelo menos a manutenção do hospital Porta da Esperança, especializado em doenças pulmonares, mais especificamente a tuberculose.

Tudo estaria bem, não fosse o fato de que nos últimos tempos tem decrescido o seu prestígio junto aos próprios índios. Hoje, salvo exceções, eles evitam frequentar o hospital temerosos de não encontrar alí a solução para os mais simples problemas de saúde, mas ao contrário, a morte como aconteceu com uma índia em trabalho de parto, logo no período da Semana Santa do ano passado. Segundo a ex-funcionária da Missão, que atuou como enfermeira no Hospital Porta da Esperança por 17 anos, Iracy Aedo, a índia acabou por perder o filho por mera negligência médica. Em documento denúncia, Iracy Aedo diz que quando chegou ao Hospital Porta da Esperança, a índia passava mal, pois em trabalho de parto não conseguia dar a luz porque a criança estava em posição excepcional, sentada. O caso requeria uma cirurgia - cezariana - imediata, coisa que só poderia ser feita no Hospital Evangélico que mantém convênio com a missão.

A despeito da gravidade da situação, "o médico Julio Chikanay - observa Iracy - insistiu em prosseguir o parto ele mesmo. Vendo-se impossibilitado de prosseguir com êxito o trabalho

Parto forçado mata criança indígena

ele chamou a enfermeira Irene Rodrigues Castilho para ajudar". Conta ela ainda que antes mesmo de chamar a enfermeira Irene, o médico já trabalhava com o auxílio da esposa dele que não tinha nenhum conhecimento de enfermagem e com a participação da própria Iracy Aedo. "Como a insistência do médico fosse maior que o bom senso - continua Iracy - "o médico conseguiu, depois de muito esforço retirar a perna da criança. Através desse membro conseguiu o apoio para puxar com mais energia e a criança saiu morta. Resultado da operação: o recém nascido tinha lesões nos órgãos genitais, que estavam esmagados, abdomen "crescido", fronte esquerda esmagada e pernas quebradas. A mãe salvou-se".

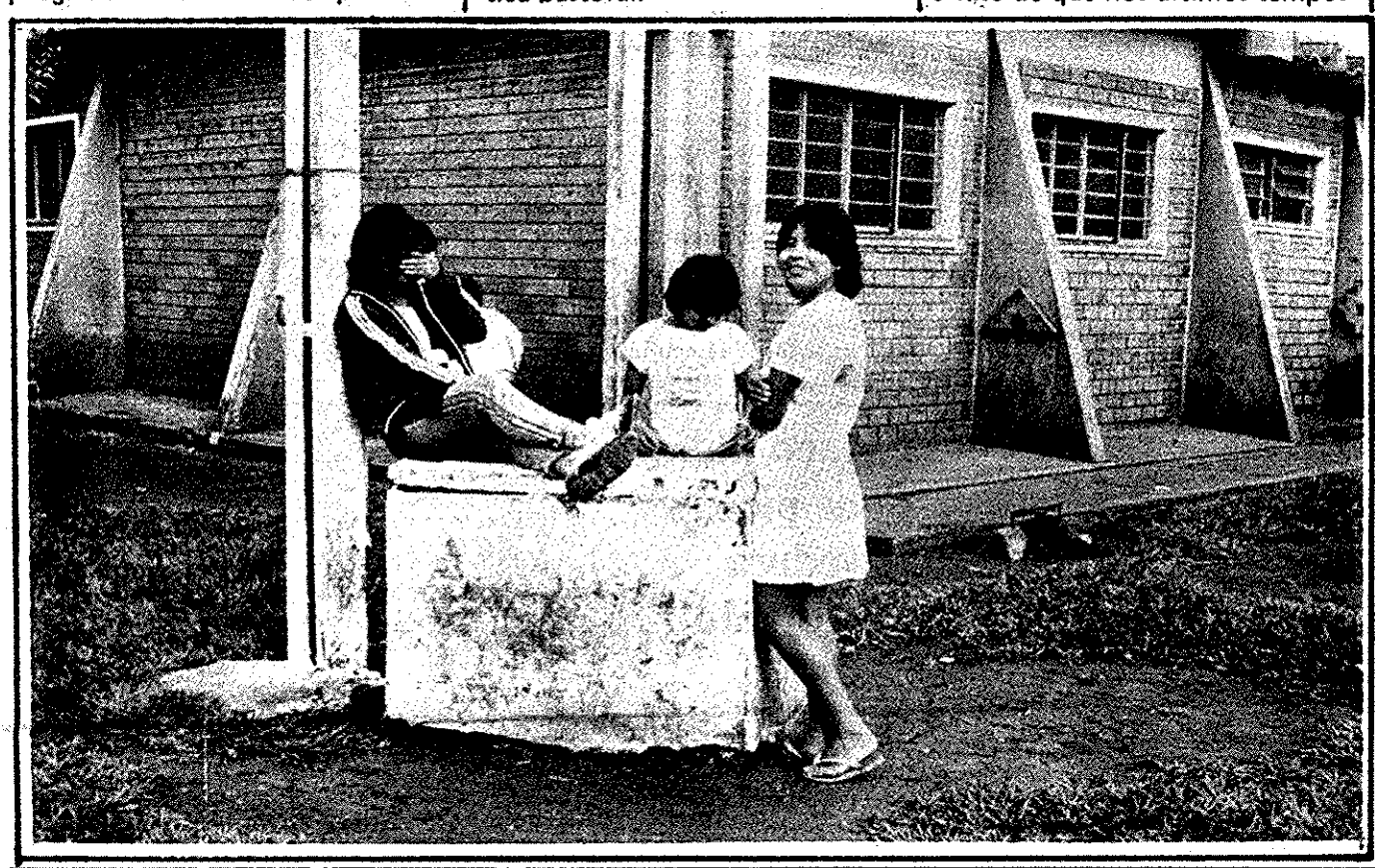
Para encobrir o fato, a enfermeira Irene recorreu ao médico Roberto Fregoni, ex-diretor do Hospital Porta da Esperança, que fosse até a enfermeira Iracy Aedo para pedir que ela guardasse segredo da mal sucedida intervenção. Assim segundo a própria Iracy Aedo, ela foi incumbida de empacotar a criança de forma a impedir que a mae tivesse acesso às multiplas lesões no recém nascido morto. A mulher do médico Júlio Chikanay, Isabel Chikanay foi quem levou um macacão com o qual a criança foi vestida para ajudar a camuflar as lesões.

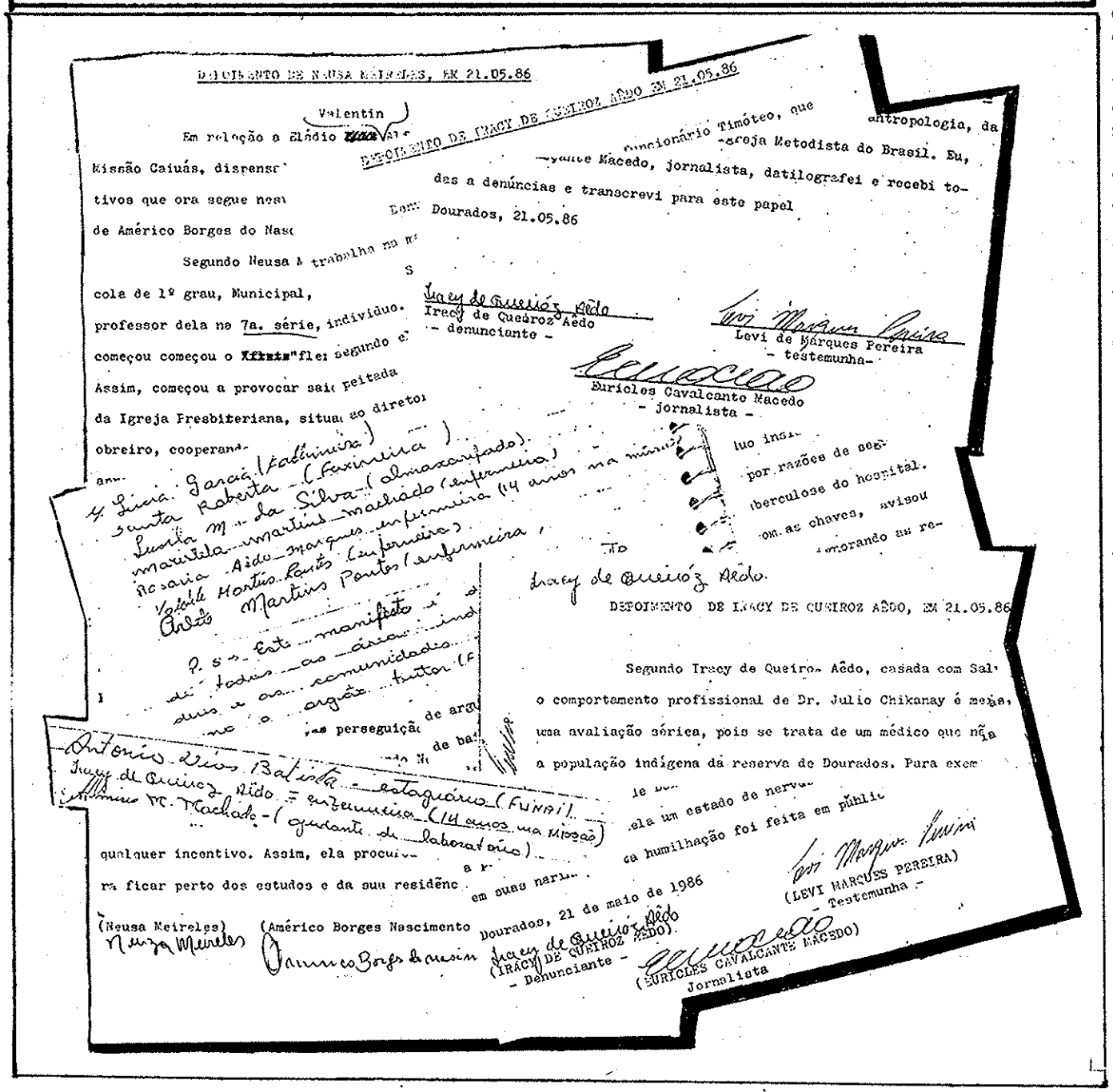
Por casos como esse, em dezembro do ano passado, dez funcionários da Missão, inclusive a própria Iracy Aedo elaboraram um manifesto que foi assinado por todos eles e enviado ao Conselho Supremo da Missão Caiuás em Londrina. Endereçado ao presidente da Missão, Ariovaldo Ferraz Nunes, o documento denunciava frontalmente um clima de disputa pela direção do hospital envolvendo os dois médicos, Roberto Fregoni e Julio Chikanay. O primeiro, então diretor, sempre gozou da simpatia dos índios e é tido como médico dedicado, abnegado e competente. O outro, em um ano que estava na reserva despertou antipatias e feriu sensibilidades, O mesmo manifesto acusa a mulher do médico Chikanay de manipular exames laboratoriais, uma vez que alí ela atua como funcionária, positivando exames negativos e negativando exames positivos. Essas denúncias foram manuscritadas num documento de três folhas que é, inclusive, do conhecimento da própria Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, como indica um "PS por extenso", que fecha as denúncias todas.

MAL ESTAR NEBULOSO

A distância entre a imagem pública da Missão e o que acontece lá no seu interior está envolta num manto de nebulosidade que torna difícil o acesso popular a tudo que existe de errado. Os pioneiros que lá empenharam parte da vida num trabalho filantrópico que não pode ser negado e é digno de mérito estão hoje muito longe de ter o domínio do trabalho. Alguns preferiram, inclusive, o afastamento a compactuar com as situações irregulares que ocorrem lá dentro. Não falam nem denunciam para evitar que a imagem da Missão possa ser sacrificada. Nesse contexto as arbitrariedades vão aumentando gradativamente.

O problema chega a um tal ponto que há, segundo denúncias e suspeitas, uma possibilidade de que o médico Roberto Fregoni tenha sido vítima até mesmo de uma tentativa de homicídio.





DEPOIMENTO DE NEUSA MEIRELES, EM 21.05.86

Em relação a Eládio Valentin ... Missão Caiuás, dispensa ... tivos que ora segue nes ... de Américo Borges do Nasc ...

Segundo Neusa ... trabalha na ... cola de 1º grau, Municipal, professor dela na 7a. série, indivíduo ... começou começou o "fleu" segundo ... Assim, começou a provocar sai ... peitada da Igreja Presbiteriana, situa ... diretor obreiro, cooperando ...

DEPOIMENTO DE IRACY DE QUEIROZ AÊDO EM 21.05.86

... funcionário Timóteo, que ... antropologia, da ... Igreja Metodista do Brasil. Eu, ... Yanne Macedo, jornalista, datilografei e recebi todas a denúncias e transcrevi para este papel

Dourados, 21.05.86

Iracy de Queiróz Aêdo
Iracy de Queiróz Aêdo
- denunciante -

Levi de Márques Pereira
- testemunha -

Euricles Cavalcante Macedo
- Jornalista -

... tuo insi... por razões de seg... tuberculose do hospital. ... com as chaves, avisou ... morando ao re...

Iracy de Queiróz Aêdo

DEPOIMENTO DE IRACY DE QUEIROZ AÊDO, EM 21.05.86

Segundo Iracy de Queiroz Aêdo, casada com Sal... o comportamento profissional de Dr. Julio Chikanay é mera... uma avaliação sérica, pois se trata de um médico que não ... a população indígena da reserva de Dourados. Para exem... ... ela um estado de nervo... ... a humilhação foi feita em públic...

... perseguição de arg... ... de ba...

qualquer incentivo. Assim, ela procu... ... a r... em suas narr... ra ficar perto dos estudos e da sua residênc...

Dourados, 21 de maio de 1986

(Neusa Meireles) (Américo Borges Nascimento) (IRACY DE QUEIROZ AÊDO) - Denunciante - (LEVI MARQUES PEREIRA) Testemunha - (EURICLES CAVALCANTE MACEDO) Jornalista

ARTE e FIRMA
opção de bom gôsto e qualidade
JUNCO RATTANA
MÓVEIS DA VIA DIME
FONE 421 8097
RUA JOAQUIM T. ALVES, Nº 2326 DOURADOS

Acervo ISA

o outro lado de uma obra grandiosa

Ele não confirmou a acusação, mas há um caso singular que envolve o estado de saúde dele e que escapou ao costumeiro sigilo sobre o que acontece entre as paredes do Hospital Porta da Esperança.

No entanto, é caso confirmado pela própria esposa de Fregoni, que ele teve que ser levado às pressas para São Paulo vítima de uma intoxicação por medicamentos psicotrópicos. Fregoni jamais tomaria medicamentos na dosagem analisada em seu organismo. Segundo ele mesmo, no dia que passou mal, a única coisa que tomou foi um copo de limonada com uma aspirina para prevenir um pequeno mal estar. A suspeita reside no que estava no copo, uma vez que é sabido que ele sentiu que o suco estava amargo em excesso.

Mais um parto e morrem mãe e filho

Para engrossar ainda mais esse bloco de denúncias, a enfermeira Iracy Aedo que foi demitida sob a acusação de encabeçar um movimento reivindicatório na missão - continua recebendo mesmo sem trabalhar - acusa o médico Júlio Chikanay de ser o responsável pela morte de uma outra índia em circunstâncias tão irregulares quanto à índia grávida. Segundo Iracy, na mesma época, num dos plantões que ela fazia, deu entrada no hospital da missão uma índia em trabalho de parto com uma criança já morta no útero, em função de um aborto mal sucedido. Ao invés de encaminhar a paciente ao Hospital Evangélico para as devidas cirurgias, o médico Júlio Chikanay insistiu em tratar ele mesmo do caso.

"Ele disse que era frescura da índia", denuncia a enfermeira, "e deu a ela soro e antibióticos. Para evitar os gritos - que davam para ser ouvidos longe — ele receitava o medicamento Válium (sedativo forte de aplicação na veia) para tranquilizá-la. Depois de cinco dias de sofrimento e dor a índia faleceu e no atestado de óbito a causa mortis apontada foi "meningite e tétano", documento assinado pelo próprio médico Chikanay. Mas ela não pára aí. Denuncia também num documento testemunhado por Levi de Marques Pereira, aluno de antropologia da PUC em São Paulo, e membro da Igreja Metodista do Brasil, que no começo de 1985 um índio menor de nome Joel deu entrada no hospital para tratamento de tuberculose, indicação feita por exames laboratoriais assinados pela esposa do médico Júlio Chicanay, Isabel.

Segundo Iracy, os exames estavam errados e em função disso o garoto faleceu, depois de receber tratamento com uma forte dosagem de um medicamento para tuberculose e habitualmente aplicado em pessoas adultas. Como esse, ela denuncia outros casos em que a laboratorista costumava diagnosticar tuberculose quando na verdade não passava de casos de gripes e resfriados.

Por se rebelar contra atitudes como essas, Iracy acabou afastada do cargo na Missão. Antes disso, no entanto, teve que passar por diversas humilhações, também contidas em documentos por ela assinados. Nesse contexto ela denuncia também um funcionário de nome Timóteo, que atua na manutenção da Missão. Iracy diz que ele compactua de todas as arbitrariedades de que se tem registro na entidade. Essa pessoa, diz ela, além de agredí-la com palavras de baixo calão por várias vezes - isso foi levado ao conhecimento do reverendo Benjamin, diretor da organização. "Em princípio - observa Iracy, ele disse que não podia fazer nada. Depois, sob a ameaça de intervenção de meu marido, Salvador Aedo, disse que tomaria providências" — além de ter tentato entrar em locais de segurança — como a unidade de isolamento da tuberculose — sem autorização. Contra ele também pesa a acusação de ter levado suas atitudes arbitrárias a um tal ponto de não poupar nem a pioneira Dona Loyde Bonfin, ex-diretora da Missão, que chegou a ter uma crise nervosa sucedida de uma hemorragia nasal, depois de passar por humilhações públicas feitas por ele, como acusa Iracy Aedo.

O Conselho decide investigar e demite dois

Humilhações e agressões generalizadas

ÍNDIAS SEDUZIDAS NA ESCOLA

A situação da Missão se complica ainda mais com as denúncias que estão num documento assinado por Neuza Meirelles que trabalhou na Missão por dois meses e foi demitida por pressões. Ela acusa frontalmente o professor Eládio Valentin Alonzo — já afastado da Missão por conduta imoral — de ter tentado por várias vezes seduzi-la. Chegou mesmo a sugerir ao pai dela, uma vez que o pastor era casado, que sairia de casa para casar com ela. O pai, Rufini Meirelles não concordou e Neuza saiu de casa envergonhada. Mesmo depois de mudar para Ponta Porã para se livrar do episódio, por duas vezes foi seguida pelo pastor. Em fevereiro deste ano, depois de dois anos afastada da reserva, onde foi seduzida quando estudava a 7a. série tendo como professor o próprio Eládio Alonzo, Neuza voltou a trabalhar na Missão, por intervenção do médico Fregoni. Afastado um mês depois por problemas de saúde, os que geraram a suspeita de homicídio, ela foi afastada do serviço, sob os mesmos pretextos que a impediram de trabalhar antes, conduta imoral. Na terça-feira de Carnaval, depois de algumas idas e vindas de informações e as primeiras denúncias de que as coisas não iam bem na escola evangélica da Missão, Neuza foi chamada a depor perante o Conselho da Missão. Isso aconteceu porque o presidente da organização, Ariovaldo Nunes Ferraz ouviu de Iracy Aedo todas as denúncias que ela tinha arquivado. Denúncia escrita foi assinada por Neuza Meirelles e Eládio Alonzo foi afastado da Missão.

Também, como ele, foi afastado o professor Rubens Francisco Carneiro, também acusado por Neuza de ter tentato seduzí-la por várias vezes, quando ela estudava na escola da Missão, que era dirigida por esse professor. O irmão de Neuza, Ramon Meirelles, policial, também denuncia que Eládio Alonzo teria se aproximado de duas índias, isso na época em que Ramon estudava na escola da reserva. Para fechar esse ciclo de denúncias Neuza cita ainda que Rubens tinha o hábito de, sob pretexto de que teria que sair bem cedo, levar índias meninas para pernoitar na casa dele. Sob ele ainda pesa a a acusação de manter um caso amoroso com uma professora da escola que dirigia.

Neuza Meirelles não afirma que o médico Roberto Fregoni tenha mesmo sido vítima de uma tentativa de homicídio, mas diz textualmente que "achou estranho a doença dele", uma vez que aconteceu em clima misterioso. Segundo ela, quando ficou doente, o médico foi atendido por dois enfermeiros que estavam de plantão, ambos inimigos dele por serem simpáticos ao médico Julio Chikanay.

Não é confirmado, mas há sérias suspeitas de que os casos de suicídios entre as índias menores tenha a base em problemas exatamente dentro desse emaranhado de situações nebulosas, negligências e seduções. É claro, segundo antropólogos que uma das principais causas que podem levar um índio ao suicídio é a questão da honra pessoal. Esse tema, inclusive, já está em discussão entre indígenas e especialistas do Brasil-Paraguai e Argentina que estiveram reunidos em Foz do Iguaçu recentemente. Analisando a questão do alto índice de suicídios na reserva de Dourados, o seminário chegou à conclusão que é um caso singularíssimo do qual não há informações que igual tenha se registrado em qualquer outro lugar do Brasil ou dos dois outros países envolvidos no debate sobre a questão indígena. Se a própria Missão Evangélica está às voltas com uma investigação desses episódios que podem comprometer sensivelmente a obra evangélica entre os índios, os indigenistas — incluindo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) — também começam a entrar no problema e prometem levar avante um inquérito sobre essa densa camada de mistérios que cerca o problemas tão sérios. Como confidenciou um dos pesquisadores que hoje atuam na reserva, se não era, agora essa questão vai passar a ser um "caso de polícia".

Indigenistas vão investigar suicídios

Reportagem Euricles Macedo
Fotos: Paulo Portuga